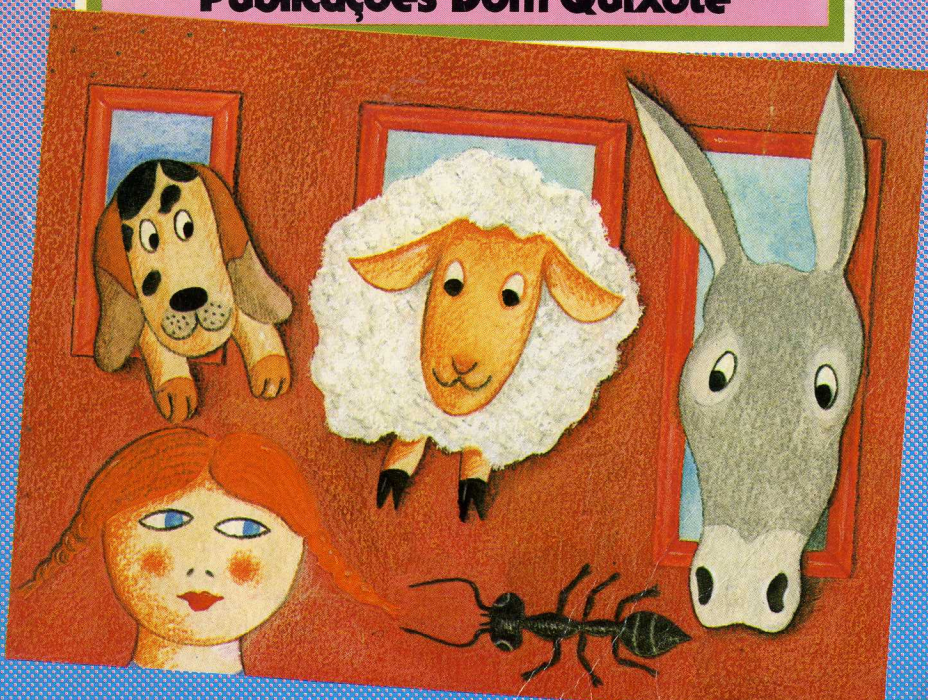


**MARIA
ALBERTA MENÉRES**

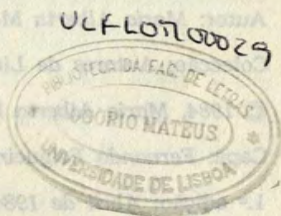
O Tritão Centenário

coleção
AUTORES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Publicações Dom Quixote



MARIA ALBERTA MENÉRES



O TRITÃO CENTENÁRIO

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1984

FICHA :

Título: *O Tritão Centenário.*

Autor: *Maria Alberta Menéres.*

Colecção: *Autores de Língua Portuguesa.*

© 1984, *Maria Alberta Menéres.*

Capa: *Fernando Felgueiras.*

1.^a edição: *Abril de 1984.*

Edição n.º: *19 J 883.*

Depósito legal n.º: *5213/84.*

Todos os direitos reservados por: *Publicações Dom Quixote,*
Rua Luciano Cordeiro, 119, Lisboa.

Composição, impressão e acabamento: *Imprensa Portuguesa, Lda.,*
em Abril de 1984.

Distribuição: *Diglivro, Rua das Chagas, 2, Lisboa,*
e Movilivro, Rua do Bonfim, 98, r/c, Porto.

O presente texto obteve uma Menção Honrosa na classe
de peças infantis dos Prémios Nacionais de Teatro, 1982-1983.

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1984

SUGESTÕES PARA CENÁRIO

Interior de uma casa de campo.

Soalho lavado.

Sala comum. A mesa posta.

O cenário engloba vários planos.

Abaixo do plano respeitante à sala comum, existe um outro plano onde se vê a casa da formiga. A sua sala comum é uma «cópia» da sala comum que está por cima! Simplesmente a mesa é uma trempe velha com um prato em cima; em vez de cadeiras, tampas de garrafas; a lareira é uma caixa de fósforos vazia e a chaminé um rolo vazio de papel higiênico; etc., etc., etc. Retratos da família da formiga, pendurados nas paredes. Tudo muito arranjado e limpo.

Esta sala pode ficar, por exemplo, numa espécie de desvão de escadas que partam da sala comum de cima, para um possível primeiro andar.

A sala comum principal é, como se disse acima, a de uma casa de campo. Modesta.

Há uma porta que dá para a rua. Outra que dá para o interior.

Ao lado, um janelo donde espreita um burro. Este janelo faz parte de uma meia-porta presa por um simples fecho de correr, e que se pode abrir para a sala.

Uma solução semelhante para a presença de uma ovelha.

Uma solução semelhante para a presença de um cão.

1.ª CENA

Mariana entra a correr na sala. Ela é uma menina de cerca de 11 anos.

Dos seus «buraquinhos» saem também a correr a formiga, o burro, a ovelha e o cão. Cantam e dançam.

Somos nós que moramos
nesta casa antiga
cheia de segredos
de tudo e de nada.

Eu sou a rapariga, eu sou a rapariga
que ora dá por tudo, ora não dá por nada.

E eu sou a formiga, e eu sou a formiga.
às vezes descansando, às vezes tão cansada!

Somos nós que moramos
nesta casa antiga
cheia de segredos
de tudo e de nada.

Lá do meu janelo, não sei que lhes diga,
burro aborrecido, não da vida airada.

Eu por mim já sabem que ladro se há briga:
sou cão desta casa que anda bem guardada.

Também posso entrar? Sou um pouco rezinga,
mas faço por ser uma ovelha educada.

Somos nós que moramos
nesta casa antiga
cheia de segredos
de tudo e de nada.

MARIANA

Bem, não somos só nós a morar aqui. Há
também a minha mãe e o meu pai. Sim, vendo
bem, é só mais a mãe e o pai. Muitas vezes falo
com eles, mas muitas vezes não sei com quem é
que hei-de falar...

*(Estende-se no chão, de barriga para baixo,
a ler. A telefonia aberta.)*

MÃE

Ó menina, que vem a ser isto? Mas que posição é essa? Eu não era capaz de estar a ler assim.

MARIANA

A mãe quando era pequenina, como é que lia?

MÃE

Sei lá, já não me lembro. Mas assim não era, de certeza! E com a telefonia nesta berraria?! Como é que tu consegues perceber o que estás a ler?!

(Senta-se a costurar, enquanto a filha continua na mesma posição.)

Os animais estão cada qual em seu lugar, sendo a formiga a mais barulhenta, na lida da sua casa pequenina.)

(De repente a Mariana levanta-se, estica muito os braços e as pernas e começa a correr pela sala, como se quisesse levantar voo... A mãe espanta-se.)

MÃE

Mas que é isto? Tu perdeste o juízo? Vê lá se tens termos! Isto aqui não é nenhum estábulo!

(O burro reponta.)

MARIANA

Estou a voar, estou a começar a voar. Não custa nada! Quer ver, mãe? É fácil: a gente faz-se primeiro muito levezinha, muito levezinha... assim muito devagar, como se não pesasse nada... nada... e depois sobe assim para um banco... e depois solta um pé... depois solta o outro pé...

(Cai desamparada.)

Não estou ainda bem prática. E não devia ter falado. Quando a gente fala, as palavras pesam na boca... Para a próxima vez, consigo! Está quase, quase... Está quase...

MÃE

Tu és capaz de dizer que bicho é que te mordeu? Julguei que já te tinha passado essa mania

de voar. Sabes perfeitamente que os pássaros é que voam. As pessoas não têm asas, não podem voar.

PAI

Olá, boa noite. O que é que fazes aí no chão? E este banco... desarrumado?!

(Arruma-o.)

Mal entro em casa, é logo para ralhar! Quando é que tu tomas juízo?

MARIANA

Desculpe, pai, era uma experiência que eu estava a fazer.

(Sai.)

PAI

Mas que disparate é este?! Que experiência é que ela estava a fazer?

MÃE

O costume. Diz que está quase, quase a saber voar! Já não sei o que lhe hei-de fazer. Para o que lhe havia de dar...